



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no
lançamento do Programa Bolsa-Atleta**

Palácio do Planalto, 25 de julho de 2005

Meu querido companheiro Agnelo Queiroz, ministro do Esporte,

Meu querido companheiro Jaques Wagner, ministro-chefe da Secretaria
de Relações Institucionais da Presidência da República,

Minha querida companheira Marisa,

Meu querido companheiro Jorge Mattoso, presidente da Caixa
Econômica Federal,

Senhores – vai ter um dia que eu vou dizer: senhores e senhoras,
secretários e secretárias de Esporte dos Estados e dos Municípios,

Meu caro Artur Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro,

Meu caro Vital Severino, presidente do Comitê Paraolímpico Brasileiro,

Demais companheiros e companheiras representantes das entidades,

Meu caro Robson Caetano,

Meu caro Nelson Prudêncio,

Caros Mizael Conrado, Lígia Santos e Ítala Roberta, que receberam,
aqui, o nosso cartão de crédito, o nosso cartãozinho magnético para tirar o
dinheiro no final do mês,

Meus companheiros e minhas companheiras,

Este programa que estamos lançando hoje é muito mais do que a
concretização de um antigo projeto de nosso querido ministro Agnelo Queiroz,
que desde seus tempos de parlamentar apóia o esporte como uma forma de
inclusão social.

O Bolsa-Atleta – que já nasce com mais de trezentos esportistas de alto
rendimento financiados pelo governo – é, sobretudo, o reconhecimento de



nosso governo a tantos talentos que devem ser aproveitados.

Falo, em especial, daqueles promissores atletas que, embora contem com a determinação e a capacidade de atingir o sucesso em competições nacionais e internacionais, ainda não contam com patrocinadores que permitam a sua efetiva dedicação aos treinos.

Esses brasileiros e brasileiras, que precisam se desdobrar no dia-a-dia entre o trabalho, o estudo, o treinamento e a competição, são verdadeiros exemplos para todos nós. São uma prova cabal de que, com esforço, é possível, sim, superar obstáculos que parecem intransponíveis e concretizar nossos sonhos.

O esporte, tenho certeza, é um dos melhores caminhos para que a energia dos jovens seja canalizada cada vez mais para atitudes positivas e construtivas, e não para a violência ou para outras situações de risco como o uso de drogas.

A prática esportiva fortalece a auto-estima, estimula a solidariedade, cultiva o respeito ao próximo, incentiva a tolerância, o sentido de equipe, a disciplina, a capacidade de liderança e, sobretudo, contribui para que tenhamos uma vida mais saudável.

O esporte é, ainda, um componente fundamental na afirmação da identidade nacional, um dos fatores de unidade da nossa rica diversidade cultural. Nossos atletas, quando competem e vencem lá fora, representam a todos nós e elevam mais alto a fibra e o nome do Brasil.

No nosso governo, o esporte com foco na inclusão social tem sido tratado como prioridade e questão de Estado. Isto ficou claro desde que iniciamos o mandato e criamos o Ministério do Esporte, que até então dividia uma única pasta, com o Ministério do Turismo.

Criamos políticas nacionais para o esporte, das quais o programa Bolsa-Atleta é apenas uma de suas pontas mais visíveis. E fizemos isso ouvindo a sociedade de forma intensa. Em junho do ano passado realizamos em Brasília



a primeira Conferência Nacional do Esporte. Ela foi o ponto culminante de um processo no qual foram realizadas 60 conferências municipais e 116 regionais, envolvendo 2.500 municípios e a participação direta de mais de 83 mil pessoas.

Essa multidão de interessados – gente que critica, debate, sugere e propõe – já é, por si só, uma prova de como o tema é importante para todos os brasileiros e brasileiras.

As ações do governo federal no setor estão presentes em muitas áreas. Criamos o programa Segundo Tempo, que permite às crianças carentes aproveitarem em práticas esportivas o período do dia em que não estão nas salas de aula. Atualmente, 1 milhão de crianças são atendidas por meio desse programa. Estamos, assim, incentivando o esporte, valorizando a educação e fazendo justiça social.

Já o programa Pintando a Liberdade – uma ação inédita que está sendo feita em conjunto com o Ministério da Justiça – incentiva a fabricação de material esportivo em presídios para distribuição na rede pública de ensino. Já batemos a marca de um milhão de bolas de futebol produzidas por mais de 13 mil detentos.

Também não deixamos de apoiar nossa grande paixão brasileira, o futebol, seja através de dispositivos legais como a Lei da Moralização e o Estatuto do Torcedor, seja através da Loteria Time Mania, encaminhada ao Congresso Nacional, que propicia condições aos clubes para que possam quitar suas dívidas, em especial com os cofres públicos.

Estamos, enfim, valorizando cada vez mais o Esporte e ampliando o lugar que ele ocupa merecidamente em nossa sociedade. As empresas públicas, por exemplo, estão patrocinando cada vez mais não só os grandes competidores como também investem na formação de novos atletas. Com isso, dão o exemplo e incentivam outras empresas a fazerem o mesmo.

Nosso empenho no fortalecimento da infra-estrutura de treinamento em



todo o Brasil e na busca de uma regulação cada vez mais eficiente para o setor está, felizmente, dando bons resultados.

Temos certeza de que todas essas ações convergem num único sentido: dar ao nosso povo – esportistas ou simples apreciadores do esporte – as melhores condições para que possam se dedicar ao que tanto amam.

Meu querido Nuzman, meu querido Vital, meus companheiros, atletas, secretários e ministros.

Possivelmente, o Nuzman já seja dirigente esportivo no Brasil há muito tempo, e eu ousar dizer, na frente dele, que eu não sei se já houve um qualquer outro momento da história do Brasil, momento em que o esporte foi transformado em política de Estado, em política pública, em que não recebemos os atletas aqui para comemorar uma vitória nas Olimpíadas ou não recebemos uma Seleção apenas para comemorarmos uma vitória na Copa do Mundo, não recebemos aqui um lutador de boxe que ganhou o título mundial. Aqui nós recebemos aqueles que ainda sequer foram transformados em profissionais. Aqui nós recebemos os derrotados junto com os vencedores, sem dar a importância de que o que ganhou é melhor do que o que perdeu, porque também, embora tenha gente mais competente do que outra, a verdade é que as vitórias podem ser circunstanciais e, muitas vezes, a derrota também é circunstancial por conta de um determinado problema, em um determinado momento.

O que nós fazemos, aqui, é fazer com que as pessoas entendam e, sobretudo, o povo brasileiro, que é papel do Estado dar condições para que todas as pessoas, independentemente da sua origem social, independentemente da sua cor, do seu credo religioso ou da sua opção partidária, que todas as pessoas sejam colocadas no mesmo banco de oportunidades. Aí, sim, na hora em que você garante oportunidades a todos, vai se sair aquele mais dedicado, aquele que treina mais, aquele que tiver muito mais vontade pode se sobressair por esforço.



Normalmente o jogador que bate falta bem, dizem que é aquele que treina muito. Aquele que não treina, tem chance de acertar o gol, mas tem muita chance de errar. Em qualquer esporte é a mesma coisa. Aquele que passa parte do seu tempo se dedicando, treinando, aquele que dorme a quantidade de horas necessária, aquele que não faz nenhuma extravagância, mas leva o esporte a sério, até porque o esporte é uma atividade muito curta na vida de um ser humano... Se nós pensarmos o esporte profissional, o Robson sabe que um jovem começa a chegar na sua plenitude aos 20 anos. Dos 20 aos 30 ele é competitivo e, depois, ele começa a perder. Ele nem é muito competitivo antes e nem é depois. Ele tem, na verdade, 10, 12 anos em que tem que tirar proveito do seu potencial, tem que tirar proveito da sua capacidade, tem que tirar proveito das oportunidades para que ele possa, nesse curto espaço de tempo, consagrar-se como ser humano, com as conquistas que possa obter, mas também, porque não dizer, até conseguir fazer um “pezinho de meia” para que sobreviva condignamente depois, porque, lamentavelmente, ainda no esporte não chegou nenhuma política para cuidar da velhice daqueles que, quando perdem a medalha, deixam de ser atletas, muitas vezes não têm do que sobreviver.

E esta é uma coisa com que nós vamos caminhando, meu caro Robson, meu caro Prudêncio, nós vamos caminhando. Nós vamos reparando todos os defeitos que tivemos no passado, tudo aquilo que nós não conseguimos fazer tempos atrás. Sabemos que não podemos fazer tudo de uma única vez, mas sabemos que, dando passos bem pensados, a gente pode construir muito mais coisa do que já foi construída em qualquer outro momento da história do nosso país.

Eu não acredito que exista nada que possa motivar mais uma criança ou um adolescente do que uma boa qualidade de ensino e do que uma boa prática de esporte. Nada pode motivar mais. Uma criança, quando pratica esporte, isto eu ouço na minha casa, com o meu neto, quando ele passa o sábado jogando



bola, ele nem pede janta, ele chega em casa, vai dormir, portanto, ele não tem tempo de fazer nenhuma traquinagem. Na adolescência é a mesma coisa, se ele praticar esporte o dia inteiro, ele não vai ter tempo de chegar em casa, querer sair à noite e se transformar em vítima de assalto, em vítima de uma bala perdida. Eu não sei como é que essas balas perdidas pegam sempre uma pessoa, mas, de qualquer forma, eles inventaram a palavra “bala perdida”...

O dado concreto é que está cheio de adolescentes que são vítimas, todo santo dia, em todo o território nacional. E, obviamente, o esporte passa por isso. E por isso, Nuzman, tem uma coisa combinada, perfeita, que é a questão do investimento na educação e do investimento no esporte.

Nós estamos fazendo uma coisa que o resultado vai ser extraordinário em um curto prazo. Nós aprovamos o Fundeb. O Fundeb é a universalização definitiva do ensino no Brasil, em que o Estado assume a responsabilidade da pré-escola até a universidade. Por conta disso, nós poderemos colocar 17 milhões de pessoas a mais na escola nos próximos anos. Nós estamos criando 3 universidades federais novas: uma no Recôncavo Baiano, uma na região de Dourados, no Mato Grosso do Sul, e uma, de alta tecnologia, no ABC Paulista, que não tinha uma universidade federal. Estamos criando 32 extensões das atuais universidades federais, levando as universidades para regiões mais pobres do país. Em setembro vamos inaugurar a Universidade de Garanhuns, depois vamos inaugurar a de Caruaru, a do Vale do São Francisco já está inaugurada, depois vamos inaugurar no Vale do Mucuri, lá em Minas Gerais, em uma das regiões mais pobres de Minas Gerais, e estamos levando, para que a gente possa dar às regiões mais empobrecidas do país, a oportunidade de, chegando uma extensão universitária lá, o começo do funcionamento de um novo campus de uma universidade federal, possa levar professores, possa levar conhecimento, possa levar inteligência e possa ajudar as pequenas cidades a se desenvolverem. E, certamente, onde tem uma escola, tem uma prática de esporte, onde tem uma prática de esporte, a gente pode ter uma



quantidade enorme de atletas disputando entre si.

Da mesma forma que também nós já aprovamos construir 32 escolas técnicas, de ensino médio, para que o adolescente que termina o ensino, a 8ª série, ele não tenha, se não quiser fazer o colegial pura e simplesmente, ele pode fazer um curso profissionalizante, um ensino técnico, que pode dar para ele uma garantia de que vai ter uma profissão. E eu digo sempre que uma profissão na vida de um homem é tudo. É verdade que, muitas vezes, um homem e uma mulher com profissão têm dificuldade de arrumar emprego, mas sem uma profissão terão muito mais dificuldade.

E eu digo isso como exemplo para a juventude. Eu sou o oitavo filho de uma mulher analfabeta e, por conta de ter uma profissão, eu fui o primeiro a ter uma casa, o primeiro a ter um carro, o primeiro a ter uma televisão. Por conta de uma profissão, coisas que outros irmãos meus só vieram a ter essa possibilidade muito tempo depois.

Então, estudar e praticar esporte é quase que uma condição, é quase que uma obrigação da gente que sonha em construir um país mais justo, um país em que a riqueza seja mais distribuída e um país em que as pessoas possam, finalmente, dizer que conquistaram a cidadania porque conquistaram as oportunidades que o Estado brasileiro precisa criar para essas crianças.

Por isso Nuzman, por isso Vital, por isso meus amigos, Agnelo, eu não vou te elogiar mais, não, porque quando a gente começa a elogiar muito um ministro, depois a gente quer tirar, não pode tirar, então, eu vou só dizer... A ida do companheiro Agnelo para o Ministério do Esporte, eu digo sempre que foi juntar a fome e a vontade de comer, a coceira e a vontade de coçar, porque ele é um homem que gosta disso, é dedicado, acredita. A gente percebe na cara do Agnelo que ele faz as coisas não é para cumprir uma formalidade ou uma decisão de governo, ele faz a coisa porque está dentro dele, porque ele gosta, porque adora, e porque ele pensa como todos nós que estamos aqui, que, quem sabe, será através do esporte que a gente poderá construir esta nação



tão bonita, soberana e socialmente mais justa, que nós tanto precisamos.

Meus parabéns, Agnelo, parabéns Jorge Mattoso, e meus parabéns aos atletas todos que estão aqui.